

PROTAGONISMO DA MULHER NAS RELIGIÕES JAPONESAS**WOMANS'S PROTAGONISM IN JAPANESE RELIGIONS**

Janaina Josias de Castro

Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás
(PUC-GO)janainajosiascastro@gmail.com

Silvia Alves Tavares Scolaro

Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás
(PUC-GO)silviascolaro@hotmail.com

145

Resumo: Por muitos anos, o papel social da mulher está relacionado ao trabalho doméstico e ainda carrega consigo o estigma de ser dominada pelo sexo masculino. A religião como inserida na sociedade permitiu de certa forma, a inserção da mulher em diversas áreas de sua estrutura. Assim, este artigo é parte de uma pesquisa no mestrado e consiste em analisar como a história de vida de três mulheres é importante para compreender o protagonismo da mulher frente às religiões japonesas. Por meio de revisão bibliográfica e relato de história de vida a hipótese aqui trabalhada é de que mesmo diante do contexto social que a mulher foi inserida, estas três mulheres desenvolveram relações simbióticas com o sagrado, romperam fronteiras e desenvolveram práticas religiosas por meio de suas trajetórias de vida e de pertencimento ao seu grupo religioso e cultural.

Palavras-chave: Mulher. Novas Religiões Japonesas. Igreja Messiânica Mundial. Preconceito.

Abstract: For many years, the social role of women is related to domestic work and still carries with it the stigma of being dominated by the male sex. Religion as inserted in society allowed, in a way, the insertion of women in several areas of its structure. Thus, this article is part of a research in the master's degree and consists of analyzing how the life story of three women is important to understand the role of women in relation to religions. Through a bibliographic review and life history report, the hypothesis worked here is that even in the face of the social context in which the woman was inserted, these three women developed symbiotic relationships with the sacred, broke boundaries and developed religious practices through their trajectories of life and belonging to their religious and cultural group.

Keywords: Women. New Japanese Religions. World Messianic Church. Preconception.

Considerações iniciais

Compreender o papel das relações de gênero sob o olhar da religião é uma necessidade histórica dos atores sociais. A função social é definida com base em

Building the way

padrões e normas de conduta daqueles que ocupam posições na estrutura social. Relações de poder estão presentes na história social e cultural, estas colocavam o homem em um pedestal de poder diante à mulher. Conforme (GABATZ, 2016) esta relação de poder nem sempre era uma coerção física, mas foram sendo incutidas na subjetividade humana.

Para Bourdieu (2002) cada sexo recebeu seu papel social. As mulheres em sua função de submissa como um fator inquestionável é reforçada pela religião como a responsável por manter o lar. Assim, para Woodhed (2002) as instituições religiosas se concebem como o único espaço em que a figura da mulher possibilita o empoderar em meio ao patriarcalismo. “Igrejas e Capelas particularmente ofereceram um espaço social que de outra forma não seria disponível as mulheres” (WOODHEAD, 2002, p. 04).

Desta forma as instituições religiosas de certo modo, possibilitaram as mulheres afastarem-se do âmbito doméstico e alcançar autonomia conquistando lideranças mediante um poder considerável e adquirindo função legitimada. Pereira (1995) apresenta em sua obra a história de vida de Miki Nakayama (1798-1887) e Nao Deguchi (1836-1918). Duas mulheres japonesas que a partir da experiência de possessão por espíritos divinos se tornaram fundadoras de dois grupos religiosos Tenrikyô e Oomoto, caracterizada como sendo Novas Religiões Japonesas (NRJ)¹. E como esta experiência contribui não somente para a integração de suas personalidades, mas também uma inovação do sistema sociocultural.

A história de vida de Sandra Maria Dorna Sartori se entrelaça à história da fundação da Igreja Messiânica Mundial (IMMB) em Goiânia. Nascida no Rio de Janeiro, após sua experiência religiosa, difundiu os ensinamentos de Meishu Sama, o fundador da Igreja Messiânica Mundial. A partir do que foi abordado, o problema de pesquisa consiste em analisar como a história de vida de três mulheres é importante para compreender o protagonismo da mulher frente às religiões. Desde, e por muitos anos, o papel social da mulher está relacionado a um ser dominado onde é vista como frágil, como descreve Pereira (1995, p.171), “uma exemplar mulher feudal, dando no

¹ Novas religiões japonesas - O qualificativo “novas” aplicado às religiões japonesas não indica, sem mais, a data recente de sua origem, mas sua independência, naturalmente relativa, das grandes tradições do xintoísmo e do budismo. As primeiras NRJ surgiram durante a restauração Meiji ocorrida no final do século XIX, um período marcado pela saída do Japão do sistema feudal e por sua entrada na era moderna. Historicamente este período é considerado delicado e repleto de crises sociais e econômicas.

Building the way

máximo de seu papel de esposa”, além do que, é atribuído a ela o trabalho doméstico e manutenção do estereótipo de que a base da harmonia familiar é própria a todas as mulheres submetendo-as a situações coadjuvantes.

Para Pereira (1995), no Japão feudal a mulher era tida como um instrumento de procriar filhos e “perpetuar a família como grupo corporativo” (PEREIRA, 1995, p. 176). Outro fator importante é que Miki, Nao e Sandra, professam religiões que foram fundadas a partir de possessão por espíritos que é associada a uma prática ligada ao profano (possessão demoníaca), assim é preciso levarmos em consideração o estigma de impureza atribuído à mulher.

De acordo com Pereira (1995, p. 177), a mulher é impura, poluída uma vez que tem sangramentos. Segundo Silva (2018, p. 265), a mulher é responsável por dar a vida, mas também é causadora da morte, com sua impureza impede o homem de realizar sua espiritualidade. As mulheres são seres de mistério e força. Tomando como conhecimento estes fatores a hipótese aqui trabalhada é de que mesmo diante do contexto social que a mulher foi inserida estas três mulheres desenvolveram relações simbióticas com o sagrado, romperam fronteiras, e desenvolveram práticas religiosas.

Para construção deste artigo primeiramente a metodologia utilizada foi, à revisão bibliográfica que consistiu em apresentar a mulher inserida no contexto religioso e a trajetória de Miki e Nao na fundação de religiões japonesas. Também é utilizado neste artigo o relato de experiência de vida de Sandra Maria Dorna Sartorina, o relato apresentado são dados obtidos durante pesquisa de mestrado no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás defendida em 2020 intitulada “Do Ideal ao Real”: a coluna de salvação – agricultura orgânica natural na Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB) *Johrei Center Extensão Goiânia*.

A análise de discurso como aporte metodológico contribui para a compreensão das ideologias presentes em um discurso posto. De acordo com Orlandi (2010, p. 15) o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. Ainda para este autor, a análise de discurso “teoriza sobre a interpretação, isto é, coloca a interpretação em questão”.

Diante de uma temática que possibilita diversos olhares e questionamentos, o artigo em questão não tem como objetivo realizar uma abordagem sobre gênero. Ainda de uma maneira breve, este artigo, ao apresentar a história de vida de Miki, Nao e Sandra Maria, pretende provocar um olhar reflexivo sobre essas

Building the way

mulheres como precursoras de potencial transformação na vida de muitos japoneses e brasileiros, em particular, goianos que, a partir de suas dificuldades cotidianas e a experiência profunda com o transcendente fundaram ou trouxeram estes movimentos religiosos em um contexto de transformações sociais econômicas e políticas.

Religião, mulher e sociedade

148

A autora Barreto (2004) afirma que a sociedade contemporânea fora fundada a partir de uma estrutura patriarcal que influencia os modos de produção, consumo, política, legislação e cultura, conferindo a tais esferas relações marcadas pela dominação e violência. Contrapondo-se a esse sistema que se estabelece a partir das relações opressoras tem-se o movimento feminista, a autora Heleith Saffioti(2013), apresenta que através de lutas e campanhas, possibilitou o declínio do patriarcalismo, e a ascensão do estabelecimento de relações igualitárias.

A história é marcada por períodos e culturas nos quais predominam uma estrutura patriarcal machista, e pode-se supor que por este fato, não há registros que mencionem a existência de grupos que contestassem a organização patriarcal, deixando assim subtendido na história atual que no passado a oposição ao sistema fora silenciada de forma opressora (SOUZA, 2016, p. 156).

Esse processo é marcado pela rejeição à emancipação das mulheres, algo decorrente, em certa medida, de um engessamento de sua subalternidade e de uma precária formação teológica. As matrizes da socialização imaginária do papel da mulher perante o marido sugerem uma sintonia com determinadas matrizes cristãs que acentuam o papel da submissão (ROSADO NUNES, 2001, p. 79-96). Por isso, outra forma de se justificar esse aspecto de poder sobre as mulheres é o fato de que elas praticamente não possuem um discurso próprio. Assim, há um continuísmo hermenêutico. Algo que caracteriza e amplia a dominação masculina, patriarcal.

O sociólogo Bourdieu (2002) discorre sobre a temática do papel dominante do homem sobre a mulher. Os papéis reservados para cada sexo são construções sociais que envolvem aspectos de dominação subjetiva vislumbrados na chamada “vocação” feminina, em que as mulheres estariam predispostas a aceitar sua submissão como sendo um fator natural inquestionável, imposto sobre seus corpos e sua existência. Tal perspectiva reflete-se na identidade da mulher em nome do “amor” à família e em função de seu papel de mantenedora e promotora do equilíbrio

Building the way

emocional na vida dos homens e de todos os membros da família. Trata-se de obrigações reforçadas, principalmente, pela religião (BOURDIEU, 2002, p. 45).

A dominação masculina encontra assim reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em, uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus* moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matriz de percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que sendo universalmente partilhados impõe-se a cada agente como transcendentais.

Para compreender o papel feminino na atualidade é preciso percorrer a história, e assim verificar que não foram em todos os períodos que a figura feminina usufruiu da liberdade de escolha e de decidir seu próprio destino. A atualidade predispõe de uma liberdade feminina em sair da esfera privada e se mostrar como figura pública; esta é fruto de incessante luta histórica. Contudo a liberdade feminina em diversos contextos existe apenas no campo teórico, e diante disto torna-se fundamental a propagação dos ideais feministas na sociedade, para que o feminismo continue trazendo contribuições sociais.

Segundo Scott (1990) o termo “genero” não implica em uma tomada de posição de poder ou desigualdade de uma posição sobre outra. Para Scott (1990), o termo Gênero é tomado como sinônimo de mulheres, incluindo estas sem “lhes nomear e parece assim, não constituir uma forte ameaça (SCOTT, 1990, p. 75). Assim é possível perceber na narrativa desta autora que gênero é uma construção social que pretende igualar o protagonismo do homem e da mulher. No construto social foi dividido o que é “do homem” e o que “é da mulher”. Swain (2006) apresenta esta diferença a partir do que é possível considerar biológico. Assim ele descreve:

Neste sentido, a diferença aparece como base justificativa para a divisão sexual de papéis e tarefas. É claro que existem diferenças e semelhanças entre os sexos biológicos – e não apenas enquanto mulheres / homens, mas em relação aos próprios indivíduos; entretanto, aquilo que é mostrado como causa – a diferença biológica – é, de fato, consequência do agenciamento social e político, da importância que se dá ao genital para a definição do humano, da procriação como determinante da sexualidade das mulheres, da apropriação e troca dos corpos femininos, em nome desta

Building the way

especificidade e desta diferença. Construída simbólica e materialmente, a diferença histórica e política é exposta como fundamento natural do humano (SWAIN, 2006, p. 3).

Na história do cristianismo, os eventos ligados a figuras masculinas são considerados mais relevantes, e a própria figura de Deus é pensada como masculina. A construção dos símbolos religiosos cristãos seria prioritariamente masculina, e a obediência seria devida a homens: pais, padres, bispos e outros. No cenário oriental Japonês essa visão patriarcal também é visível. Porém, há um período histórico no Japão que a mulher consegue papéis de destaque no meio social, político e religioso (PEREIRA, 1995), porém, por mais que tenha este período histórico em que houve este protagonismo não se deve desconsiderar essa visão subjulgada do feminino. No entanto, ao contar a história de Miki e Nao, Mokiti Okada² possivelmente não considerando a mulher nesta condição de dominada, a partir de instituições religiosas fundadas por elas ele funda a sua própria religião, a Igreja Messiânica Mundial.

A mulher ocupa um lugar marginal no círculo decisório das relações de poder. Sob o ponto de vista ocidental o Catolicismo Romano, segundo Lemos (2007, p. 119) excluiu as mulheres da ordenação feminina, deixando a elas o acesso ao “corpo de leigos” este que por elas é maioria absoluta.

Em contrapartida Miskolci e Campana (2017, p. 727) apresenta em sua obra “ideologia de gênero: notas para a genealogia de pânico moral contemporâneo” que a desigualdade da mulher é um problema estrutural e só pode ser abordada de uma perspectiva integral de gênero. As declarações do Papa Emérito Bento XVI, que apresenta “a liberação da mulher serve de centro nuclear para qualquer atividade de liberação tanto política como antropológica com o objetivo de liberar o ser humano de sua biologia”, provocaram reações de diversos setores principalmente da ala conservadora da Igreja Católica.

Ainda para Lemos (2007) há a ordenação femina ao clérigo no âmbito protestante, porém as mulheres ordenadas são destinadas às comunidades periféricas que os homens em sua grande maioria não querem assumir.

Muitas dessas situações aconteceram devido às bases culturais dos japoneses. A antropóloga norte-americana Liza Dalby (2003) em seu livro *Gueixa* mostra a sociedade japonesa como sendo fundamentada no patriarcado.

² Mokiti Okada recebe o nome religioso de Meishu Sama.

Building the way

Os homens japoneses estão acostumados a serem servidos pelas mulheres. Essa não é a única forma de interação homem/mulher no Japão, mas os japoneses do sexo masculino a acham perfeitamente natural. O estilo cultural da masculinidade no Japão tende a exigir a subserviência da mulher (ao menos por forma) e muitas coisas contribuem para uma ideologia na qual os homens são a fonte da autoridade (DALBY, 2003, p. 32).

De acordo com Holanda (2018) O Japão passou por um choque cultural e social durante a Era Meiji³ que teve como modelo de inspiração o Ocidente, e mesmo que a sociedade oriental apresentasse fortes mudanças, ainda existia uma intensa necessidade de modificações estruturais e polêmicas, principalmente em relação às questões de gênero, ponto a que daremos foco. Mesmo trazendo alguns padrões ocidentais na Era Meiji, quando o assunto eram as mulheres, os japoneses não acreditavam que as coisas deviam mudar. E mantinham um olhar patriarcal, tendo poucas alterações ou quase nenhuma.

Comparado ao modelo europeu e norte-americano, o modo de vida japonês estava bastante atrasado no tocante à área dos direitos femininos. A mulher oriental conseqüentemente, era tratada de maneira inferior aos olhos da sociedade e suas responsabilidades não ultrapassavam o âmbito da casa e da família. Mesmo com algumas mudanças na parte social e cultural japonesa, alguns elementos essenciais do caráter nacional permaneciam fortes (HOLANDA, 2018, p. 25).

É importante consideramos as diferentes noções de gênero sob a ótica ocidental binária que corresponde à perspectiva oriental japonesa. Segundo Pereira (1995, p. 179) no final do século XX as japonesas eram aconselhadas a não saírem de casa e não podiam visitar templos religiosos antes dos quarenta anos, “nos cultos as mulheres eram discriminadas porque se acreditava que seu sangue era poluidor”. Mesmo diante destes fatores, muitas mulheres no Japão conseguiram ressignificar suas condições de submissão e opressão e conquistaram funções de destaque nas chamadas “novas religiões”. Para Pereira, isso foi possível pelos seguintes motivos:

Em primeiro lugar, identifico na história do Japão a existência de duas vertentes culturais que explicaria em parte a possibilidade de duas donas de casa feudais tornarem-se líderes religiosas: um vertente pré-

³ A era Meiji (1868-1912) foi o período que colocou o Japão no cenário mundial. As transformações ocorridas na era Meiji não se limitaram apenas ao setor industrial. Enquanto de um lado a estrutura de país moderna ia se organizando rapidamente todos os aspectos cotidiano do povo, desde de o tipo de penteado de calçado e de comida, tudo ia sofrendo modificações. (CASTRO, 2020, p. 32).

Building the way

budista que enfatiza uma alta valoração social simbólica da mulher, enquanto outra mais recete enfatiza uma ideologia “machista”. O período pré budista é famoso pela presença de imperadoras-xamã, detentoras do poder político religioso. É nesse período também que se encontra a origem do símbolo mitológico por excelência do Japão que é Amatteratsu, deusa do sol e ancestral da família imperial (e, por extensão de toda a nação japonesa) (PEREIRA, 1995, p. 179-180).

Diante do exposto de Pereira (1995) não podemos considerar o patriarcado sob uma única visão, tampouco exergarmos o contexto ocidental e oriental como uma mesma perspectiva. Essa ideia contra os discursos de massa (metanarrativa) que é defendida no texto de Linda Hutcheon chamado “A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos”, também se aplica nos estudos da cultura nipônica, pois, tende-se a vê-los como sociedade homogênea. Como Hutcheon diz: “ os feminismos têm focalizado especificamente o sujeito feminino da representação e tem começado a sugerir modos de desafiar e mudar estas formas dominantes, nas várias dimensões da cultura” (HUTCHEON, 1993, p. 22). Isso mostra que as práticas sociais deveriam ser mudadas como um todo e não apenas o patriarcado que é a mais evidente no Japão.

Três mulheres – histórias de relações simbióticas com o sagrado e o protagonismo da mulher

Para Bourdieu (2015), um fenômeno religioso surge de uma experiência muito profunda e intensa, vivida por uma pessoa que é dotada de um grande carisma. A partir da experiência religiosa da e do carismático, tende a atrair seguidores, que serão portadores da energia da experiência religiosa vivida pelo carisma fundante. Deste modo o carisma é compreendido como poder simbólico que confere ao carismático o fato de crer em seu próprio poder simbólico. Entendemos que a narrativa de vida dessas líderes carismáticas aqui citadas assegura o sucesso no estabelecimento dessas novas religiões.

As narrativas descritas de Miki, Nao e Sandra demonstram inúmeras revelações recebidas a partir da experiência com o transcendente e motivaram a criação, transmissão e missão de denominações religiosas que segundo Faria (2012, p. 167) objetivam a busca por caminhos direcionados a elevação espiritual do ser humano.

Building the way

Miki Nakayama (1798-1887) foi casada e mãe de seis filhos, a responsabilidade familiar era toda dela. Um de seus filhos ficou gravemente doente. Depois de recorrer a vários médicos, Miki levou seu filho a um curandeiro para receber orações. Nesta ocasião a pessoa que serviria como médium faltou, logo, Miki foi convidada para assumir a função. Durante o rito, possuída pelo espírito, Miki começou a falar em nome de Deus. A voz de Miki entoava “Tenho uma predestinação para esta residência. Agora, eu desci do céu para salvar todos os homens. Quero fazer de Miki o templo de Deus (CADERNO 60, 1964, p. 18).

Conforme descreve Pereira (1995) Miki foi possuída por uma divindade que queria tomar seu corpo como sacrário. A partir deste contato de Miki com o transcendente, ela curou doentes e fundou a Tenrikyô, a religião da sabedoria divina.

Nao Deguchi (1836-1918), casada e mãe de onze filhos, suportou o descaso do marido, a perda de vários filhos e as dificuldades financeiras. Diante de tantas tribulações, Nao se sentiu repentinamente possuída pelo espírito divino. Recebeu várias revelações, a primeira dizia: “eu sou o Deus que transforma e renova os três mil mundos. Reúno os três mil mundos que se tornarão um só mundo divino, o qual perdurará para sempre” (CADERNO 60, 1964, p. 21).

Não era analfabeta, mas sob as ordens da divindade possensora ela escreveu os livros sagrados da religião Oomoto na qual ela é a fundadora e manifestou poderes sobrenaturais.

Em entrevista a Castro (2020), a carioca Sandra Maria Dorna Sartori nascida no Rio de Janeiro, após o falecimento do seu irmão, juntamente com seu esposo e sua mãe deixam sua cidade natal para residir na capital Goiânia. Sandra conta, que sua mãe e toda sua família passavam por momentos financeiros difíceis, várias doenças e muita tristeza após a perda de sua avó. Sandra também relata que “acreditava em Deus e frequentava algumas missas”. Porém sentia um enorme vazio e questionava como era possível aproximar-se de Deus.

Nas palavras de Sandra durante a entrevista, ela sempre visitava os parentes no Rio de Janeiro, em uma das viagens, uma amiga contou que “havia um japonês⁴ que fazia milagres com as mãos”, Sandra ficou impressionada com o Johrei. Após este fato, Sandra começou a estudar os ensinamentos de Meishu Sama. Ela relata:

⁴ O Japonês era Tetsuo Watanabe, presidente da IMMB, atualmente já é falecido.

Building the way

Eu não entendi muito bem os seus ensinamentos, ao ler sobre pragmatismo fiquei muito impressionada. Sempre imaginei que quem tinha fé deveria praticá-la e não guardá-la para si. Isto despertou meu interesse, mas somente quando li o Ensino "Sabor da Fé", é que senti como se uma barreira dentro de mim se quebrasse, minha cabeça fervia e eu dizia: É isto que tanto procuro e senti uma felicidade nova, algo que não pensava existir, tudo em mim vibrava na expectativa de saber mais, de me aproximar de Deus (CASTRO, 2020, p. 81).

154

Observando o relato dos dramas cotidianos das histórias de Miki, Nao e Sandra é possível verificar a semelhança nos dramas diários e em vários aspectos vividos por estas mulheres, principalmente no que diz respeito às relações do cotidiano.

Ao retornar para Goiânia, começou a ministrar *Johrei*⁵ em familiares que passavam por alguma enfermidade. Após essa experiência com o transcendente Sandra inicia sua vida como missionária.

Dois fatos relatados destacam o início da IMMB em Goiânia. O primeiro é a história de uma vizinha que tinha uma filha que sofria de fortes convulsões e retardo mental, a menina passou a receber *johrei* diariamente, após alguns dias a convulsão desapareceu e o retardo mental de 4 anos passou para o equivalente a 8 segundos os médicos que acompanhavam o caso. A mãe da menina foi a primeira membra em Goiânia. O segundo fato é um frequentador da IMMB-SP veio para Goiânia ajuda-la com os dependentes químicos. A partir de então, em 1975, diante de várias dificuldades e acertos a IMMB se instituiu em Goiânia.

Mokiti, personagem masculino importante para compreensão destas narrativas ao entrar em estado de transe e receber uma Revelação Divina conforme descrito na obra biográfica *Luz do Oriente* (FMO, 1982, p. 270) Okada relata que por volta de meia noite ele foi acometido por uma sensação estranha que ele nunca havia sentido. Uma grande força o tomava. Em 1931, ao escalar o Monte Nokoguri entoou a oração Amatsu Norito⁶. Neste instante ele intuiu que uma grande transformação no mundo espiritual acabara de acontecer. Conforme afirma Raffo (2014) esse momento

⁵ Pilar de salvação da IMM que consiste na canalização de energia através das mãos.

⁶ A Amatsu-Norito é uma oração xintoísta. Essa oração remonta a uma época anterior à de Jinmu, o primeiro imperador do Japão. "Foi escrita por um deus da linhagem de Amaterasu-Omikami, adorado pelo clã Yamato; por isso suas palavras possuem um espírito muito elevado e uma ação intensa, tendo o poder de purificar o Céu e a Terra". Esta oração vem sendo preservada como documento histórico a partir do início da Era Heian (794-1192) e, além de seu caráter religioso, é um importante documento da história e da literatura japonesas. Na IMM, ela é rezada com algumas modificações introduzidas por Mokiti Okada. (TERROR, 2009, p. 42).

Building the way

ficou conhecido como “Revelação sobre a transição da era da Noite para a era do Dia”. Essa revelação é de suma importância, Mokiti deixa a Oomoto, cria a Igreja Messiânica Mundial (IMM) e esta revelação se torna fundamento da sua organização religiosa.

Diante dos relatos das histórias que se cruzam e conectam, retomo minha hipótese que mesmo diante do contexto social que a mulher foi inserida estas três mulheres desenvolveram relações simbióticas com o sagrado, romperam fronteiras, e desenvolveram práticas religiosas. Todos esses elementos, foram possíveis, porque estas mulheres construíram suas interações e sociabilidades a partir das próprias estratégias e posições sociais adquiridas ao longo de suas trajetórias, uma vez que Pereira (1995) apresenta uma forma positiva que a mulher pôde ser vista e que a partir disto. implica sua adesão a um eu coletivo que passa a fazer parte da história de um grupo específico e que se estabiliza num pertencimento cultural e religioso (Hall, 2000, p. 108).

Bourdieu (2015) retrata que as instâncias religiosas, em sua luta pelo monopólio do exercício do poder religioso, produziram uma doutrina capaz de conferir um sentido à vida e ao mundo. É nesta perspectiva que a questão da autonomia é um elemento importante e que se reconhece o acesso das mulheres a cargos ou funções estratégicas dentro das igrejas, ainda que de forma limitada.

O novo papel social representado pelas mulheres, nesse ambiente híbrido de mercadorias e fiéis, pode ser endossado como mais um atrativo a ser oferecido a elas (Mafrá, 1998). Corrobora a construção de uma nova subjetividade nos espaços do sagrado e a quebra de paradigmas nas estruturas dos modelos de comunicação, antes processados de forma unilateral.

Considerações finais

Miki Nakayama, Nao Deguche, Sandra Maria Dorna Sartori, legitimaram as novas Religiões Japonesas a partir de revelações recebidas diretamente por uma divindade. Sandra ao realizar a experiência com o sagrado através do *Johrei* e com os Ensinamentos de Meishu Sama, deram sentido à trajetória de vida dessas mulheres promovendo a difusão dessas novas religiões japonesas.

O artigo suscitou uma reflexão acerca da religião como mediadora para a inserção da mulher em alguns âmbitos da sociedade, tanto ocidental quanto oriental.

Building the way

Ao passo em que ocorre uma abertura religiosa para as mulheres, as mesmas adquirem uma nova identidade buscando romper com o patriarcalismo e instaurar a autonomia feminina. Essas transformações são frutos de uma mudança social e comportamental que atingem toda a sociedade, assim, possuindo caráter inovador.

Para tal, o artigo deixa uma incompletude no que diz respeito às questões de gênero na sociedade japonesa uma vez que há poucos teóricos para suporte. Porém isso, nos impulsiona a mais pesquisas neste âmbito, assim, a questão patriarcal não pode ser vista de maneira única, sendo que, a partir dos estudos realizados, a opressão de gênero não se configura universalmente de maneira única e homogênea.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CASTRO, Janaína Josias de. *Do Ideal ao Real: a Coluna de Salvação – Agricultura e Alimentação Orgânica Natural na Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB) – Johrei Center extensão Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

CADERNO 60, *Vozes em defesa da fé. Novas Religiões Japonesas no Brasil*. Ed. Vozes LTDA, Petrópolis, RJ, 1964.

DALBY, L. Gueixa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

FARIA, Alexandre Leite Souza. *Condições do corpo, projeções da alma: a relação entre saúde, doença e espiritualidade na igreja messiânica mundial*. In. *Intratextos*. Rio de Janeiro, 4(1), 2012, p. 160-180. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/2100>>.

F.M.O. *Luz do Oriente*, v. 2. São Paulo, 1982.

HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Org. SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart.; WOODWARD, Kathryn. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOLANDA, Winnie Rodrigues. *Formação de leitores e questões de gênero através dos Mangás Shonen e Shoujo*. 2018. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Centro de Formação de Professores,

Building the way

Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2018.
Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/4343>

HUTCHEON, Linda. *A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo. E feminismos*. Revista Estudos Feministas, v. 1, n. 1, p.7-31, jan/jun 1993.

LEMONS. Fernanda. “*Se deus é homem, o demônio é [a] mulher*”. A influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. Revista Àrtemis, v. 6, junho 2007. p. 114-124.

MAFRA, Clara. Gênero e estilo eclesial entre os evangélicos. In: FERNANDES, Rubem César et al. (Org.). *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Iser, 1998.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “*Ideologia de gênero*”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo Sociedade e Estado, vol. 32, núm. 3, septiembre-diciembre, 2017, pp. 725-747 Universidade de Brasília Brasília, Brasil.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *Os limites discursivos da história: imposição de sentidos*. Labrys: Revista de Estudos Feministas, n. 9, 2006. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys9/libre/anhita.htm>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. E ed. Campinas: Pontes, 2010.

PEREIRA, Ronan Alves. *Possessão por Espírito e Inovação Cultural: O caso de Duas Líderes Religiosas do Japão*. São Paulo. *Revista de antropologia*, v.38, n.1, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111442/109612>>

ROSADO NUNES, Maria José Fontelas. *O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões*. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p. 79-96, 2001.

SAFFIOTI, Heleith. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, Carolina Rocha. As noivas de Satã: bruxaria, misoginia e demonização no Brasil Colonial. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; SÁEZ, Oscar Calavia (Org.). *História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos (Vol. 1)*. Coleção ABHR. Florianópolis: ABHR / Fogo, 2018, p. 260-277.

SOUZA, Sandra Duarte de. “*Não à ideologia de gênero!*” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; SÁEZ, Oscar Calavia (Org.). *História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos (Vol. 1)*. Coleção ABHR. Florianópolis: ABHR / Fogo, 2016, p. 153-172.

WOODHEAD, Linda. *Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica*. Revista de Estudos da Religião, n.1, p.1-11, 2002.